

O DESTINO

Eu gostaria de dar uma imagem do destino tomando-a emprestada do domínio da geografia: a da divisão de águas – o famoso *continental divide**, a partir do qual, nos Estados Unidos, certas águas encaminham-se em direção ao Pacífico, e outras em direção ao Atlântico. Por essa divisão, em dado momento, dois elementos se separam, irreversivelmente, é o que parece, e jamais voltarão a reunir-se. A divisão é definitiva. Poderíamos dizer o mesmo do nascimento, que é uma separação definitiva. Alguma coisa toma forma de existência, alguma coisa não a toma – e

* *Continental divide* – Divisor de águas continental. Em inglês no original. (N. da T.)

o que não nasceu ao mesmo tempo tornar-se-á o outro, e como tal permanecerá.

O destino seria, então, uma forma de separação definitiva, irreversível. Mas uma espécie de reversibilidade faz com que as coisas separadas permaneçam cúmplices. A ultramicrofísica fala simultaneamente da *separabilidade* e da *inseparabilidade* das partículas. Onde quer que elas vão, e embora definitivamente divergentes, cada partícula permanece ligada, conectada à sua antipartícula. Eu não conseguiria levar mais longe a comparação, suponho, mas ela dá conta do recado, do que se mostra a nós como destino na tragédia, na qual ele é a forma do que nasce e do que morre sob o mesmo signo. O signo que conduz à vida, à existência, é o mesmo que conduz à morte. Será, portanto, sob o mesmo signo fatal que as coisas terão começo e fim. É este o sentido daquela famosa história da morte em Samarcande... Na praça de uma cidade, um soldado vê a morte fazer-lhe um sinal; apavorado, ele vai até o rei e lhe diz: “A morte me fez um sinal, eu vou fugir para o mais longe possível, eu vou fugir para Samarcande.” O rei convoca a morte para perguntar-lhe por que ela amedrontou assim seu capitão. E a morte lhe diz: “Eu não quis causar-lhe medo,

eu queria simplesmente lembrar a ele que nós temos um encontro marcado hoje à noite – em Samarcande.” O destino tem, assim, uma forma, de certo modo, esférica: quanto mais nos afastamos de um ponto, mais nos aproximamos dele.

O destino não tem “intenções” propriamente ditas, mas temos por vezes a impressão de que enquanto uma vida de glória e de sucesso se desenrola, em algum outro lugar um dispositivo trabalha obscuramente em sentido inverso e faz a euforia deslizar, de maneira imprevisível, para o drama. O evento fatal não é aquele que se pode explicar por suas causas, e sim aquele que, em um dado momento, contradiz todas as causalidades, aquele que vem de algum outro lugar, mas tinha aquela destinação secreta. Assim, podemos encontrar causas para a morte de Diana e tentar reduzir o acontecimento a essas causas. Mas apelar para as causas a fim de justificar os efeitos é sempre um alibi: não esgotaremos dessa maneira o sentido, ou a falta de sentido, de um acontecimento. Ora, no caso, o que constitui o acontecimento é uma reversão do positivo em negativo, uma reversão que faz com que, quando as coisas são demasiadamente luxuosas, elas se tornem nefastas, como se estivesse em ação, silenciosa-

mente, uma força sacrificial coletiva. O destino é sempre o princípio da reversibilidade em ato. Neste sentido, eu diria que é o mundo que nos pensa, não de maneira discursiva, mas pelo avesso, contra todos os nossos esforços de pensá-lo pelo direito. Todos nós poderíamos facilmente encontrar exemplos disso. Mesmo nas coincidências, há toda uma arte. Quando a psicanálise fala em lapso, em substituição de termos no chiste, está igualmente no domínio da arte da coincidência: em dado momento, há uma estranha atração entre significantes, e é isto que faz o acontecer psíquico.

Eu gostaria de imaginar, em contraposição a este universo totalmente informatizado que nos é dado ver, ou prever, um mundo que fosse apenas de coincidências. Esse mundo não seria um mundo do acaso e da indeterminação, e sim um mundo do destino. Todas as coincidências estão, de certo modo, predestinadas. À destinação, àquilo que tem uma finalidade clara, *opor-se-ia*, então, o destino, isto é, o que tem uma destinação secreta, uma predestinação – sem qualquer sentido religioso. A predestinação diria: tal momento é predestinado a tal outro, tal palavra a tal outra, como em um poema em que se tem a impressão

de que as palavras já tinham, desde sempre, a vocação de se juntar.

Do mesmo modo, na sedução, há uma forma de predestinação: entre o feminino e o masculino, a meu ver, não há uma relação diferencial, há também uma forma de destino. Somos sempre destinados ao outro, a uma troca, é uma forma dual e não – contrariamente à concepção que geralmente se tem – um destino individual. O destino é essa troca simbólica entre nós e o mundo que nos pensa e que nós pensamos, onde ocorre esse conflito e esse conluio, esse abalroamento e essa cumplicidade das coisas entre si.

E aí está o crime, e a dimensão trágica. A punição é inescapável: haverá uma reversibilidade que fará com que alguma coisa seja, neste mesmo lugar, vingada. Canetti o disse: “A vingança, não é preciso nos darmos ao trabalho de desejá-la; ela se fará, ela se faz automaticamente, pela reversibilidade das coisas.” É esta a forma do destino.